

## **Metodologia de Trabalho com Jovens: Algumas Reflexões a Partir de uma Experiência**

Área Temática de Cultura

### Resumo

Este texto traz algumas reflexões acerca de uma metodologia de trabalho com jovens a partir das experiências de pesquisa e extensão desenvolvidas pelo Observatório da Juventude da UFMG, programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação. Como estamos tratando de uma temática emergente nas discussões acadêmicas, tecemos algumas considerações iniciais sobre o conceito de juventude com o qual trabalhamos. As reflexões propostas são aqui apresentadas a partir de dois eixos de atuação do Observatório. A primeira consistirá nas reflexões em torno de metodologias de trabalho utilizadas com jovens num projeto de extensão: Formação de Agentes Culturais Juvenis. A segunda parte traz algumas reflexões a partir de uma pesquisa, ainda em curso, em torno da metodologia de pesquisa com jovens, bem como das contribuições que ela pode trazer para uma discussão mais ampla sobre a temática. Se por um lado a pesquisa tem nos mostrado que as instituições que trabalham com jovens precisam dialogar com os outros espaços educativos em que estes sujeitos estão inseridos, as evidências empíricas também nos mostraram que as diferentes formas de organizações juvenis, além do enorme potencial educativo que apresentam, se configuram como espaços de socialização privilegiados de construção e afirmação de identidade.

### Autores

Maria Zenaide Alves - Graduada em Pedagogia/Observatório da Juventude

Gustavo Barhuch Bíscaro de Carvalho - Estudante de Pedagogia/Observatório da Juventude

### Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Palavras-chave: jovens; cultura; educação

### Introdução e objetivo

“A cultura é um privilégio. A escola é um privilégio. E não queremos que seja assim. Todos os jovens deveriam ser iguais perante a cultura”. Gramsci

Hoje em dia, a temática Juventude é recorrente, tanto nos debates que permeiam a discussão de políticas públicas, quanto nas pesquisas, sobretudo naquelas das Ciências Sociais que vêem a juventude não apenas como um segmento social, mas como um campo fértil de estudos. Sempre quando se fala em juventude, buscam-se definições que, de acordo com diferentes autores, variam. Poderíamos ir a diversos pesquisadores que já se debruçaram na tentativa de definir a juventude, mas não é nosso intuito, neste trabalho, fazer uma revisão bibliográfica em torno de tal conceito. Contudo, parece-nos importante dizer o que consideramos juventude, pois temos como objetivo, neste texto, refletir sobre as implicações de um projeto de pesquisa e extensão na elaboração de uma metodologia de trabalho com jovens. Parece-nos muito sensata a revisão bibliográfica em torno da temática, feita por DAYRELL (2001) em sua tese de doutorado. Segundo ele, deveríamos considerar, de antemão, os jovens como sujeitos sociais que, de acordo com suas vivências, experienciam e constroem modos diferentes de ser jovem.

A partir de SALEM (1986), FEIXA (1998), LECCARDI (1991), ABRAMO (1994), MORCELLINI (1997), ABROMAVAY (1999) e ZALUAR (1997), o autor nos apresenta

várias imagens que interferem negativamente em nossa compreensão da juventude. A noção do jovem como pertencente a uma condição de transitoriedade, reflete na nossa visão do jovem como o que ainda não é, ou como aquele que virá a ser. Essa concepção, que o autor chama de o vir a ser, exclui o sentido do tempo presente na juventude e, geralmente, a trata como um momento de transição entre dois momentos reais e importantes: a infância e a vida adulta. Outra concepção errônea recorrente é a visão romântica do jovem como transgressor, rebelde, marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade. Tal idéia acaba por considerar a juventude como um momento de crise, o que muitas vezes reflete na própria auto-estima do jovem real.

A partir destas concepções errôneas em torno da juventude e depois de ressaltar que a definição da categoria é complexa devido ao fato de que os critérios para tal são históricos e culturais, Dayrell nos apresenta a idéia da juventude como uma condição social e um tipo de representação. Tal representação perpassa uma diversidade que se concretiza nas condições sociais, culturais, de gênero e de raça. Desta forma, o autor considera, a partir de autores como MELLUCCI (1992), PERALVA (1997), e CHARLOT (2000), a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, o que nos leva a considerar, a noção de juventudes no plural, explicitando assim a diversidade de modos de ser jovem existente.

O intuito deste trabalho é uma reflexão em torno de metodologias de trabalho com jovens. Vale a pena ressaltar que nós, autores deste texto, fizemos e ainda fazemos parte, como bolsistas, do Observatório da Juventude, que vem desenvolvendo todo um processo que de formação e pesquisa em torno das juventudes. Desta forma, o texto se divide em duas partes principais. A primeira consistirá nas reflexões em torno de metodologias utilizadas com jovens num projeto de extensão da UFMG. A segunda parte trará algumas reflexões (a partir de uma pesquisa ainda em curso) em torno da metodologia de pesquisa com jovens, bem como das contribuições que ela possa trazer para a reflexão das metodologias de trabalho com jovens.

## Metodologia

Durante o período de 2002 e 2003 o Observatório da Juventude da UFMG, programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação, desenvolveu o projeto "Formação de Agentes Culturais Juvenis", cujo objetivo foi desenvolver um processo formativo com jovens da periferia de Belo Horizonte. Esses jovens, com idade entre 15 a 31 anos, ligados a grupos culturais de diferentes linguagens artísticas receberam, durante esse processo de formação, subsídios teóricos e práticos para potencializar as ações culturais que vinham desenvolvendo nas suas comunidades. Ademais, foram estimulados a assumir o papel de agentes multiplicadores, contribuindo assim para criar e/ou ampliar os espaços de encontro e de formação na região aonde vinham atuando.

Inicialmente trabalhamos com os jovens a partir da elaboração de projetos, visto que visávamos subsidiar as atividades culturais por eles desenvolvidos nas suas comunidades. Este foi, então, o enfoque dado no primeiro ano do processo de formação, quando foram elaborados, a partir de um roteiro de elaboração de projetos e subsidiados por profissionais da área, projetos culturais, com orientação cotidiana dos monitores do Observatório. A proposta era que a partir desta etapa os jovens, uma vez capacitados teoricamente, e embasados na prática de que dispunham, buscassem apoio financeiro para colocarem em prática os projetos que elaboraram.

As atividades obrigatórias funcionavam durante as noites, como o curso de elaboração de projetos culturais, curso de leitura e redação de textos e oficina de expressão corporal. Além destas, eram oferecidas no período da tarde atividades opcionais como curso de inglês e de capoeira. As atividades aconteceram de segunda a quinta-feira, no Centro Cultural da

UFMG, e envolveram professores e alunos da graduação e licenciatura da Faculdade de Educação, Artes Cênicas, Belas Artes, Letras e Ciências Sociais.

Além das atividades ofertadas pelo projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, destacam-se os eventos produzidos pelo próprio grupo, como, por exemplo, o Redeatividade, que consistiu em um bloco de 05 oficinas oferecidas para 100 jovens dos bairros de origem dos agentes culturais, durante 02 meses. O grupo demonstrou empenho e total envolvimento nas diversas etapas de produção e divulgação dos eventos, também merecendo destaque o protagonismo dos jovens em atividades culturais e educativas nos seus próprios bairros, o que proporcionou que se aperfeiçoassem como agentes culturais.

Algumas parcerias foram imprescindíveis para o êxito do projeto. A parceria com o Colégio Loyola permitiu que cada jovem recebesse, durante o período de formação, uma bolsa mensal no valor de R\$ 180,00. Pretendia-se, com esta medida, possibilitar um maior envolvimento do grupo com o projeto, garantindo uma ampliação do processo de formação em outras áreas. Contou ainda com o apoio do Instituto Marista de Solidariedade, que forneceu a infra-estrutura necessária para o desenvolvimento das atividades, e dos Agostinianos, que forneceram vale-transporte para o deslocamento dos jovens.

Outra parceria fundamental foi o Centro Cultural da UFMG, que esteve aberto para o projeto e disponibilizou infra-estrutura adequada para as atividades de formação, como equipamentos audiovisuais, computadores e salas. Tornou-se também uma referência especial para os jovens, uma vez que eles compartilhavam o espaço com outros projetos e atividades culturais, o que enriqueceu o processo formativo e contribuiu para o envolvimento dos jovens com outras linguagens e universos de convívio e aprendizagem. São ações como esta que concretizam a proposta de cidadania cultural veiculada pelo Centro Cultural.

Durante esse processo os jovens tiveram oportunidade de encontrar outros jovens, integrantes de projetos socioculturais de vários Estados brasileiros, como parte das atividades de formação, sobretudo no ano de 2003.

O Observatório da Juventude da UFMG vem se articulando com outras entidades que atuam com a juventude, principalmente com a ONG paulista Ação Educativa, o Observatório Jovem da UFF, de Niterói, e o projeto Redes e Juventudes, que envolve 25 projetos em vários Estados do Nordeste. Além da troca de experiências, está sendo discutida a criação de uma rede nacional de grupos, entidades e movimentos juvenis, articulada de forma autônoma pelos próprios jovens. Neste sentido, as quatro entidades promoveram uma oficina no III Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e incentivaram a participação dos jovens na I Semana Nacional da Juventude, promovida pela Comissão Especial dos Direitos da Juventude do Congresso Nacional, de 23 a 25 de setembro de 2003 em Brasília. Neste evento, estiveram presentes todos os agentes culturais. Os jovens organizaram uma oficina no I Fórum Social Brasileiro com o objetivo de discutir a criação da rede. A oficina Tecendo Teias, preparada e coordenada pelos jovens ligados a estas entidades, contou com a presença de 80 jovens de vários Estados brasileiros.

#### Metodologia de trabalho com jovens

O processo pelo qual nós, educadores, passamos ao longo dessa experiência inovadora, além de ter sido muito enriquecedor para a nossa formação profissional e pessoal, levou-nos a refletir sobre a necessidade de elaborar uma metodologia de trabalho com os jovens. Isso configurou, então, como um dos objetivos do projeto, ou seja, desenvolver uma reflexão sistemática sobre o processo educativo vivenciado por aqueles jovens, de tal forma a construir uma metodologia de trabalho com este segmento.

A concepção de juventude com a qual trabalhamos não se reduz a uma fase da vida preparatória para o mundo adulto. Isso significa que temos que pensá-la no presente e considerar suas vivências e particularidades quando pensamos uma proposta de trabalho com esses sujeitos. Concordamos com GOMES (2003) que afirma ser este um desafio para nós,

educadores, visto que precisamos atentar para as peculiaridades dos sujeitos nos seus diferentes tempos/ciclos de vida. Essa incursão em atividades educativas com os jovens nos levou a refletir a respeito da necessidade de ampliar a própria noção de educação que, acreditamos, deve ser vista como um processo de formação humana que extrapola os muros da escola. A experiência nos mostrou que a educação não se reduz à mera transmissão e acúmulo de conteúdos, mas diz respeito às experiências sociais, quando cada um vai-se construindo e sendo construído como ser humano. Acreditamos, portanto, que a função da educação é humanizar. Para tanto, faz-se necessário superarmos a noção de aluno como a que é trabalhada no contexto escolar. No caso dos jovens, é muito comum serem vistos sob visões preconceituosas como violentos, irresponsáveis, desinteressados ou mesmo carentes e dignos de piedade. Apontamos como um aspecto inicial e indispensável para o êxito no trabalho com os jovens a necessidade de educadores e educadoras estarem atentos aos seus desejos e demandas, que percebemos como sendo as forças propulsoras de qualquer ação desses sujeitos. Para tanto, acreditamos ser necessário conhecê-los, descobrir o que gostam, descobrir suas potencialidades e promover atividades que não só atendam suas demandas, mas que possam ir além, que ampliem o auto-conhecimento e que lhes proporcione novas oportunidades, acesso a bens culturais, a novas experiências, a outras realidades, o que implica uma ampliação da sua visão de mundo e, conseqüentemente, dos seus desejos.

Um outro aspecto para o qual também chamamos atenção são os processos educativos presentes nas ações coletivas desses jovens, e a importância dessas ações para a sociabilidade, para a construção da sua identidade e para desenvolver a capacidade de organização e mobilização em torno de questões de interesse comum. Pudemos constatar, em alguns momentos do processo de formação, que os jovens se envolvem muito mais em atividades coletivas e cujos resultados sejam mais imediatos, ou seja, eles têm um ritmo que é próprio e com o qual tivemos que ir nos adaptando no decorrer do processo.

O que queremos dizer com isso é que percebemos que as atividades mais individualizantes não são tão instigantes e desenvolvidas com o mesmo vigor como aquelas que envolvem o coletivo, como também que as atividades, cujos resultados sejam mais a longo prazo, não atraem, de imediato, o interesse dos jovens, que preferem algo mais acelerado, ou como eles próprios dizem, a “correria”. Um exemplo foi o Seminário de Políticas Públicas da Juventude, em outubro de 2003, em que os jovens foram incumbidos da organização, divulgação e mobilização, e o fizeram de forma a superar todas as nossas expectativas. Esse fato, além de ter sido muito enriquecedor para o processo de formação, nos mostrou ainda que só é possível superar aqueles estereótipos de que falávamos anteriormente quando atribuímos tarefas e confiamos na capacidade dos jovens para realizá-las. Ou seja, acreditamos em uma proposta de trabalho com o jovem e não para o jovem, tomando-os como sujeitos do processo na perspectiva de estimular a autonomia que, segundo Paulo Freire (1997), deve ser um dos pilares de todo processo educativo.

Neste momento, gostaríamos de chamar atenção dos educadores para a importância das ações coletivas de sociabilidade, que em geral, ocorrem fora do espaço escolar. A instituição escolar, muitas vezes, desconhece tais ações. No caso dos jovens elas acontecem, sobretudo, no âmbito cultural, a partir de grupos organizados em torno de alguma linguagem artística. Esta constatação foi possível não apenas por termos trabalhado com grupos de jovens representantes de diversas linguagens culturais. O processo foi exatamente o contrário. Foi por reconhecermos a importância dessa forma de organização e da sociabilidade tecida pela mediação dos grupos culturais, que optamos por trabalhar com esses jovens, explorando esse potencial que muitas vezes não é reconhecido dentro do espaço escolar. Tal afirmativa é corroborada por Spósito (1999, p. 100) que alerta para o fato de que “o mundo da produção cultural e das artes, em especial, a música, a poesia, o teatro e a dança ocupam grande parte do universo de interesse juvenil”. É para este fato que queremos chamar atenção da escola,

visto que, uma proposta de trabalho com jovens requer o reconhecimento e o respeito aos seus interesses e as ações que já desenvolvem.

É justamente com este ponto que encerramos esta breve reflexão a respeito de como desenvolver um trabalho sócio-educativo com jovens, ou seja, a questão da cultura no processo de formação. A convivência cotidiana com esses jovens nos mostrou que essa efervescência cultural existente nas periferias dos grandes centros urbanos é a forma encontrada pelos jovens para se manifestarem, para expressarem suas opiniões e, por que não dizer, para lutar por uma sociedade melhor através das manifestações artísticas e culturais que representam.

Neste sentido, chamamos atenção para o fenômeno no sentido de que a escola e a sociedade pensem formas de estimular e de ampliar o acesso dos jovens aos bens culturais. Apesar de considerarmos importante o estímulo, no sentido do reconhecimento das ações culturais desenvolvidas pelos jovens, a valorização e fomento das iniciativas já existentes, consideramos, no entanto, que isso não é o suficiente se pensamos em uma universalização dos bens culturais. Acreditamos que a verdadeira democratização da cultura requer, além disso, que sejam dadas oportunidades aos jovens de conhecerem outras linguagens culturais, de inserirem-se em outros universos culturais e poderem, de fato, fazerem escolhas, e vemos a escola como uma grande aliada deste processo.

Por fim, acreditamos que uma metodologia de trabalho com jovens, na perspectiva educacional, seja na educação formal ou não-formal, não deve prescindir de utilizar-se das diversas linguagens culturais como ferramenta do processo educativo, estimulando a autonomia, o auto-conhecimento e a formação de sujeitos críticos e conhecedores de valores diversos. Parafraseando Gramsci, não queremos que a educação e a cultura sejam privilégios de poucos, mas direito de todos.

Uma pesquisa acadêmica e suas possíveis contribuições para a metodologia de trabalhos com jovens

A pesquisa Juventude, Práticas Culturais e Identidade Negra gira em torno da temática educação, cultura e juventude e busca compreender as práticas culturais que fazem parte do contexto das trajetórias de vida de jovens negros da periferia de Belo Horizonte, problematizando suas possíveis influências nas construções identitárias desses sujeitos. Há uma forte ligação desta pesquisa com o Projeto de Formação de Agentes Culturais Juvenis, já que a inspiração inicial das questões colocadas nessa pesquisa é oriunda do projeto de extensão desenvolvido pelo Observatório da Juventude da UFMG. A realização do referido projeto, o contato com os jovens e com a riqueza de experiências por eles vivenciadas e a carência de estudos nesta área, revelaram uma série de questionamentos que demandam aprofundamento e apontam para a necessidade de pesquisas que problematizem as diferentes realidades dos jovens da periferia da cidade. Dessa forma, privilegiamos como eixo de pesquisa a busca de informações qualitativas sobre a realidade dos jovens do projeto já mencionado e suas práticas culturais, enfatizando a sua inter-relação com a construção das identidades e suas perspectivas de vida.

Assim, pretendemos aprofundar o conhecimento a respeito da juventude de periferia e compreender as práticas culturais, os espaços e as situações sociais aonde estes jovens vêm se produzindo e sendo produzidos como sujeitos sociais. A pesquisa pretende, também, compreender melhor como se dá a construção da identidade negra de jovens negros da periferia e a relação desta com a escolha de uma linguagem cultural de matriz africana ressignificada no Brasil.

Alguns resultados alcançados e discussões em torno da problemática das metodologias

O trabalho etnográfico tem-nos mostrado com mais clareza a dificuldade das condições de existência dos jovens negros da periferia. Essa situação interfere de forma decisiva na auto-estima e no projeto de vida deles. Porém, o campo das práticas culturais se

configura como um dos possíveis espaços de sociabilidade, nos quais tais sujeitos encontram algumas alternativas para sua inserção social, condição juvenil e afirmação identitária. No entanto, as dificuldades vivenciadas por esses jovens também se revelam nesse processo. Para que se pense metodologias de trabalho com jovens, é preciso ter em conta que faltam-lhes recursos financeiros para investirem na sua própria formação e do seu grupo, para encontrarem local adequado para os ensaios, comprar instrumentos, prepararem material de divulgação, entre outros.

Foi também a pesquisa que nos mostrou que a inserção desses jovens no projeto de extensão Formação de Agentes Culturais Juvenis foi decisiva para todos, visto que, além de conseguirem, durante dois anos, uma bolsa para seus gastos pessoais - e isso deve ser levado em conta quando se pensa em metodologias de trabalho com jovens - participaram de momentos de discussão, formação, acesso a bens culturais como cinema, teatro, shows, estabeleceram intercâmbios com outros grupos culturais juvenis e mantiveram contato com a universidade e seus pesquisadores.

Outro resultado apontado pela pesquisa mostra que os jovens apresentaram transformações estético-corporais após a inserção no projeto de extensão, o qual possibilitou a eles um contato com a diversidade de estilos. Dentre estas mudanças, a mais visível é a manipulação do cabelo. O cabelo enquanto um ícone identitário ocupa um lugar de destaque na construção da identidade negra (GOMES, 2002). Manipular, modificar, cortar, trançar e alongar o cabelo é mais do que vaidade ou tratamento estético. Esses movimentos expressam processos subjetivos mais íntimos e mais profundos e estão relacionados com uma construção identitária em torno de uma noção de pertencimento. Mas será que, dentro do grupo cultural do qual participam, essas mudanças foram percebidas? Se isso aconteceu, como foram sentidas e interpretadas? Essas são questões novas que a pesquisa nos trouxe. Para respondê-las, percebemos que não bastava apenas conhecer a dupla, mas sim, o grupo cultural no qual estes jovens se inserem.

Cada um dos grupos culturais presentes no projeto estava representado por, pelo menos, dois integrantes, e cada um dos pesquisadores/monitores ficava responsável por duas duplas e, portanto, por dois grupos culturais diferentes. É nessa perspectiva que realizamos um mapeamento do grupo cultural onde os jovens estão integrados, conhecendo o espaço onde vivem, acompanhando os ensaios, visitando as residências, participando dos shows e apresentações, conhecendo e entrevistando outros integrantes para, num segundo momento, entrevistarmos individualmente cada jovem escolhido. É nesse sentido que percebemos que esta pesquisa pode contribuir nas metodologias de trabalho com jovens, na medida em que enriquece a visão daquele que se propõe a tal trabalho, fazendo-o compreender melhor os sujeitos com quem vai lidar. A pesquisa vem mostrando que o mundo da cultura se apresenta como possibilidade de expressão, produção, sociabilidade e inserção social para esses jovens. Fazer parte de um grupo cultural lhes possibilita a construção de uma auto-estima mais positiva. Ser negro/a e fazer parte desses grupos também é uma vivência muito forte, pois o auto-reconhecimento, as possibilidades estético-corporais, a linguagem do estilo cultural, os contatos com outros grupos culturais juvenis pobres e negros, são aspectos fortalecedores dessa identidade. A pesquisa tem mostrado que, cada vez mais, a escola ou qualquer instância que produza e utilize metodologias de trabalho com jovens precisa dialogar com os outros espaços educativos em que os jovens negros produzem cultura e se constroem enquanto jovens.

Além disso, quando falamos em metodologias, precisamos considerar fatores como a raça/etnia e o gênero no processo de construção da identidade juvenil, valorizando-os e possibilitando aos jovens um conhecimento mais elaborado sobre essas relações e seu desenvolvimento no decorrer da história e da cultura.

## Conclusões

Esse trabalho conjunto, para nós que fizemos e fazemos parte de todo este processo de pesquisa e extensão, está num processo mais amplo, na viabilidade de um trabalho efetivo que articule educação, juventude e cultura e, num processo mais restrito, na possibilidade real de um trabalho acadêmico que vincule pesquisa, ensino e extensão. O aprofundamento dessas questões sobre juventude no Brasil pode contribuir para a construção de um conhecimento mais elaborado sobre a realidade do jovem da periferia e este conhecimento pode, por sua vez, contribuir com as metodologias de trabalho com jovens, já que fornece subsídios teóricos que possibilitam uma maior compreensão dos processos de construção identitária dos mesmos. Neste processo acreditamos que o papel da universidade é fundamental e esta não deve distanciar-se do seu tripé de sustentação: ensino, pesquisa e extensão.

Percebemos, durante todo esse tempo, o quanto a universidade pública ainda é uma realidade muito distante das camadas populares, e o quanto pode aproximar-se, a partir de ações como esta ou mesmo aquelas desenvolvidas pelo centro cultural da UFMG, na perspectiva da cidadania cultural.

Lembramos que o projeto que nos subsidiou nesta discussão está inserido no contexto das ações afirmativas e possibilitou, sem que isso fosse um dos objetivos iniciais, uma ampliação das perspectivas desses jovens com relação à vida acadêmica. A UFMG, que no início parecia impressionar tanto pelo mito que a envolve, dado o distanciamento das populações da periferia deste universo, quanto pela desconfiança acerca de quais seriam as reais intenções daquele grupo de pesquisadores com os jovens da periferia, configurou-se como uma perspectiva real para aqueles jovens, e passou a integrar os horizontes profissionais de muitos deles. Durante o período de desenvolvimento do projeto alguns jovens que haviam abandonado a escola voltaram a estudar e com o encerramento das atividades de formação, no final de 2003, muitos ingressaram em cursinhos pré-vestibular e mantêm firme a idéia de realizar um sonho que na verdade só ousaram sonhar muito recentemente, ingressar na UFMG.

Por fim não podemos deixar de comentar sobre os rumos que esses jovens tomaram com o término do processo de formação. Os egressos do Projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis constituíram uma rede de agentes culturais da região metropolitana de Belo Horizonte, o D.Ver-Cidade Cultural, onde atuam como agentes multiplicadores dos conhecimentos adquiridos no processo de formação. O grupo trabalha a partir de dois eixos de atuação: político e cultural. O objetivo é fomentar discussões sobre políticas públicas para a juventude junto aos jovens da região metropolitana, divulgando as linguagens culturais que representam e chamando atenção da sociedade e do poder público para questões ligadas à juventude.

Acreditamos assim estarmos cumprindo com o nosso papel como parte da universidade: ao mesmo tempo em que estamos produzindo conhecimentos, estamos estimulando e dando condições para que os jovens assumam seus próprios destinos.

## Referências bibliográficas

- DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude em Belo Horizonte. São Paulo: Faculdade de Educação (tese de doutorado).2001
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça. In: AZEVEDO, José Clovis et al. (Orgs.). Utopia e democracia na educação cidadã. Porto Alegre: UFRGS/Secretaria Municipal de Educação, 2000, p.245-257.
- \_\_\_\_\_. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. São Paulo: FFLCH, 2002 (tese de doutorado).

\_\_\_\_\_. Ações afirmativas: dois projetos voltados para a juventude negra. In.: SILVA, Petronília B. Gonçalves SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: INEP, 2003.

SPÓSITO, Marília Pontes. Juventude: crise, identidade e escola. In.: DAYRELL, Juarez (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.